



A guerra civil russa: 1917-1922

Comentários sobre o livro de Jean-Jacques Marie

Danilo Chaves Nakamura¹

No contexto das comemorações que celebram os cem anos da Revolução Russa, a editora Contexto acaba de lançar o importante livro do historiador francês Jean-Jacques Marie, *História da guerra civil russa: 1917-1922*.

Jean-Jacques Marie é formado em Letras Clássicas e diplomado em História no Institut national des langues et civilisations orientales. Ele se tornou um reconhecido especialista na história soviética. Escreveu as biografias de Lênin, Trotski e Stalin, além de uma série de livros que oferecem explicações sobre os eventos e as instituições do período soviético. Dentre os trabalhos de J. J. Marie destaca-se *Cronstadt*, livro – não traduzido para o português – que o autor remonta a revolta dos marinheiros e soldados de Kronstadt². Como militante trotskista, ele foi membro da OCI (Organisation communiste internationaliste). Hoje, participa do CERMTRI (Centre d'études et de recherches sur les mouvements trotskyste et

¹ Mestre em história econômica pela Universidade de São Paulo.

² Nos livros em português, costuma-se escrever "Kronstadt" com a letra K e não C.



révolutionnaires internationaux) e colabora regularmente para a revista L'Histoire e La Quinzaine littéraire.

Em *História da guerra civil russa: 1917-1922* temos uma reconstrução histórica a partir de documentos inéditos sobre a guerra civil. O autor analisa o momento central para entendermos o processo revolucionário, o desenvolvimento do Estado soviético e a configuração da Rússia nos dias de hoje. O livro é um grande avanço em relação à historiografia existente, pois apresenta com enorme talento uma narrativa histórica surpreendentemente viva, descreve como se desenvolveu o conflito que foi muito mais amplo do que a caricata polarização entre revolucionários (Vermelhos) x contrarrevolucionários (Branços) e, nesse sentido, levanta os pontos de vista das diversas forças sociais que, dentre outras coisas, vislumbravam alternativas para além do estatismo soviético que se consolidou no pós-guerra.

Nas palavras do autor, o livro visa,

(...) por meio dos depoimentos e documentos dos diversos protagonistas, fornecer uma imagem verdadeira da guerra, reconstituir alguns de seus acontecimentos essenciais e reconstituir a atmosfera de uma guerra civil, caleidoscópio de cargas de cavalaria com sabre em punho, trens blindados, salvas de canhão, execuções de reféns e de prisioneiros, em meio à pilhagem, fome, frio, cólera e tifo, que arrasam cidades e vilarejos e dizimam os exércitos, sem contar a gripe espanhola que se abateu sobre a Europa a partir da primavera de 1917 e deixou milhões de mortos (...) ³.

Nesse sentido, antes de tudo, o historiador descreve como num país fortemente estratificado e com um histórico de grandes revoltas camponesas, a Revolução de Outubro foi produto de um movimento irresistível e descontrolado que vem das profundezas do povo russo. Citando o demógrafo Volkov, ele ratifica que Outubro de 1917 brota:

das profundezas das massas populares' e que, decuplicado pelos sofrimentos e destruições da guerra, varre com uma violência inaudita a velha ordem social, suas instituições e seus representantes. A palavra de ordem 'todo poder aos soviets' responde a tal ponto às aspirações de milhões de homens que, durante a guerra civil, os camponeses, descontentes com as requisições de trigo e com a proibição do comércio livre dos grãos, revoltam-se nos quatro cantos do país contra o governo bolchevique, opondo sistematicamente o poder de seus próprios soviets aos soviets dos comunistas ⁴.

³ MARIE, Jean-Jacques. *História da guerra civil russa: 1917-1922*. São Paulo, Contexto, 2017, p. 20.

⁴ Idem, p. 16.



As forças que combateram entre si ou desempenharam um papel na guerra civil foram: os cadetes, os grupos monarquistas, os socialistas-revolucionários (de esquerda e de direita), os mencheviques, os bolcheviques e os grupos de anarquistas. Essas forças, de acordo com suas posições políticas, colocaram em movimento uma lista de governos (alemão, inglês, francês, americano, japonês, tchecoslovaco, polonês, romeno, grego, italiano) que deve ser compreendida no interior de um conflito internacional. Como aliados dos Vermelhos, temos outras nacionalidades (húngaros, chineses, alemães e coreanos).

Como já afirmamos, a guerra não se polarizou apenas em duas forças: Vermelhos x Brancos. Além deles, os exércitos Verdes, que iam de pequenos destacamentos de 500 a 600 homens até verdadeiras divisões armadas: a divisão de Grigoriev, que reunia 15 mil homens; o exército de Makhno, na Ucrânia, que em 1919 reuniu 50 mil homens; o exército comandado por Antonov, em Tambov, que chegou a contar com 40 mil homens; ou ainda, o “exército popular” da Sibéria ocidental que chegou a 100 mil homens em 1921. Esses exércitos eram formados por camponeses que se moviam por uma dupla rejeição:

- A rejeição à conscrição decidida pelos exércitos (pelo Exército Vermelho a partir de 1918, pelos Exércitos Brancos criados por coalizões anti-bolcheviques).
- Rejeição às requisições dos “excedentes” ou de quase toda a colheita, ordenada pelo governo de Moscou, para alimentar o exército e as cidades. Os camponeses se revoltaram contra os artificiais comitês de camponeses pobres que se apossavam de toda a produção. Eles também rejeitavam às “comunhas” (futuros *kolkhozes* e *sovkhoses*); se revoltavam contra a “ditadura comunista”, contra o “regime dos comissários e dos judeus”. E eram a favor dos soviets sem comunistas.

Ao trazer essas informações, o autor nos apresenta a dimensão de quão profunda foi a Revolução Russa e nos afasta de afirmações como a do húngaro G. Lukács que, para justificar um único ponto de vista, o bolchevique, escreveu sobre a guerra civil em *História e consciência de classe*: “de Kornilov a Kronstadt estende-se uma linha reta”.⁵ J. J. Marie demonstra que não há nenhuma linha reta como queria Lukács. O golpe do general Kornilov começou em 25 de agosto de 1917,

⁵ LUKÁCS, G. Notas críticas sobre a crítica da Revolução Russa. In: *História e consciência de classe - Estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 522.



ainda durante o governo provisório. Foi essa primeira tentativa de golpe que elevou a tensão social e política na Rússia. Nesse momento, o país ainda participava, junto dos Aliados, da Primeira Guerra Mundial, que desestabilizava a economia do país e fazia com que a cidade e o campo vivessem sob a ameaça da fome. Os camponeses se rebelavam para tomar terras nas regiões de Kishnev, Tambov, Taganrog, Riazan, Kursk e Penza. Em resumo, estávamos diante do desenvolvimento prático da Revolução, momento em que os camponeses participavam ativamente do processo tomando posse das terras que, ao longo da história russa, haviam sido negadas a eles.

É nesse contexto que a tomada do Palácio de Inverno pelos bolcheviques tornou-se possível e o governo provisório caiu rapidamente. Depois disso, os generais Kornilov, Alexeiev, Denikin e o atamã cossaco Kaledin constituíram o Exército Branco. Mas nem sempre os futuros líderes da contrarrevolução estavam de acordo. Denikin, por exemplo, falava de Kaledin:

Contudo, a situação no Don mostrou-se extraordinariamente complexa. O atamã Kaledin, tendo tomado conhecimento dos planos de Alexeiev e ouvido seu pedido de 'fornecer um asilo ao corpo dos oficiais russos, concordou em princípio, mas, considerando o estado de espírito que reinava no interior, pediu que Alexeiev não ficasse em Novocherkassk mais do que uma semana e que se transferisse suas atividades para fora dali⁶.

Diferente desses primeiros levantes, a revolta de Kronstadt aconteceu próxima dos "últimos sobressaltos", nos últimos anos da guerra. Nesse período, os camponeses em grande parte do território se opunham ao Partido Bolchevique. Em janeiro de 1921, a situação da ilha de Kronstadt era catastrófica, as cotas de pão e rações alimentares foram reduzidas. Greves de ferroviários e da indústria naval estouravam. Soldados se recusavam a fazer suas tarefas obrigatórias. E marinheiros se revoltavam contra a situação de seus familiares nos vilarejos russos. Petrichenko, marinheiro do navio Petropavlovsk, afirmava em texto que os atuais soviets não representavam mais os interesses dos trabalhadores e camponeses. Ele propunha um programa bastante similar ao da União do Campesinato Trabalhador de Tambov. Assim, o Comitê Revolucionário Provisório foi formado sob o lema: "os soviets sem comunistas". O que fica subentendido "soviets livres".⁷

Os resultados da guerra civil foram terríveis. O Exército Vermelho perdeu quase 1 milhão de soldados. Mais de 3 milhões de civis morreram no período. Milhares de crianças órfãs passaram a vagar pelas cidades. Soma-se a isso, a

⁶ *História da guerra civil russa: 1917-1922*, p. 32.

⁷ *Idem*, p. 223.



seca do ano de 1921 que espalhou a fome e a tifo pelo país e deixou mais 4 milhões de mortos. E como se sabe, o conjunto de revoltas do último período (Kronstadt, Tambov, Tiumen e Tobolsk) deixou o regime por um fio. Os bolcheviques, analisando a situação, perceberam a necessidade de recuar. Nas palavras de Lênin, o camponês “está cada vez mais insatisfeito com a ditadura do proletariado”. Os operários sem partido “fazem das palavras democracia e liberdade seu mote, inclinando-se para a derrubada do poder dos soviets”. Em resumo, “enquanto a revolução não eclodir em outros países, precisaremos de décadas para sair desse conflito”.⁸ É a partir desse momento que a Nova Política Econômica (NEP) passou a ser esboçada.

Terminada a narrativa dos conflitos que atingiram os quatro cantos da Rússia, J. J. Marie dá um salto cronológico para pensar o presente. Esse salto para pensar a Rússia atual é apresentado de modo abrupto e resumido. No entanto, o autor coloca um problema central para pensarmos a situação atual da chamada “esquerda”. Para o autor, a Revolução Russa foi mais um episódio da luta entre dois sistemas de propriedade irreconciliáveis: a propriedade privada e a propriedade coletiva dos meios de produção. A queda da URSS atesta que momentaneamente o primeiro sistema se demonstrou vencedor. Assim, “quase todas as conquistas sociais ligadas à coletivização dos meios de produção – adquiridas **apesar da ausência completa de liberdades políticas e sindicais**, imposta pelos quadros da burocracia dirigente – foram extintas, assim como setores inteiros da indústria”.

Em nossa opinião, trata-se de uma conclusão problemática que não consegue escapar das tímidas críticas que as oposições de esquerda sempre fizeram à revolução. A luta pela propriedade social, não pode acontecer sem liberdades políticas. Marx, quando falava sobre a gênese da propriedade privada capitalista, descrevia como a propriedade privada parcelada baseada no trabalho direto dos indivíduos havia sido expropriada pelos capitalistas. Ou seja, “a expropriação da massa do povo por poucos usurpadores”. A propriedade social surgirá – acreditava Marx – quando os poucos usurpadores forem expropriados pelas massas. E ela se tornará social, não porque o Estado centralizará o direito de posse, mas porque os produtores se associarão livremente. No entanto, a propriedade “coletiva”, imposta para construção da chamada “agricultura socialista” na URSS, baseou-se na coletivização forçada de camponeses, que só perpetuava as más condições de vida e a baixa produtividade. Não houve “livre associação” ou qualquer forma superior de organização, seja no campo, seja na cidade.

⁸ Idem, p. 229.



Nesse sentido, quando afirmamos uma sentença com a locução conjuntiva subordinativa concessiva “apesar de”, estamos abrindo mão da ideia de liberdade em nome de práticas supostamente eficazes. No caso concreto da Revolução Russa, caímos numa armadilha retórica que sempre faz concessões ao socialismo real uma vez que esse se colocava como forma alternativa a modernização e a exploração capitalista. No limite, essa armadilha apresenta a planificação estatal como algo superior e alternativo ao livre mercado capitalista, **apesar do despotismo stalinista**⁹. Em suma, se a guerra entre os dois sistemas de propriedade segue desde 25 de outubro de 1917 – passados cem anos – precisamos também pensar na conciliação inegociável entre conquistas sociais e liberdade política. Isso sim é irreconciliável e incompatível com a atual rodada de acumulação capitalista.

⁹ Ver: LETIZIA, V. **Realidade e opinião sobre a URSS**. In: <http://cemap-interludium.org.br>